

TRANSFERÊNCIA DE TRABALHO E A UNIVERSIDADE

Sonia Alberti¹
Instituto de Psicologia - UERJ

Três pioneirismos de Luiz Carlos Nogueira: o cronológico; a sua participação na inserção da Psicanálise na área da Psicologia dentro da universidade, procurando fundamentá-la teoricamente, e a promoção, na universidade, da transferência de trabalho. O texto procura identificar tais inserções, baseando-se para tal em trabalhos anteriores tanto de Freud quanto de Lacan, mas também de Michel Foucault e abordando a Psicanálise como um discurso na articulação com outros. Finalmente, procura estender o conceito lacaniano de transferência de trabalho à articulação da transmissão da Psicanálise no meio acadêmico das psicologias, ou seja, para sustentar a Psicanálise na relação com outros saberes sem achatá-la em prol de uma divulgação, ao contrário, utilizando-se desses outros saberes - em particular a matemática - para afinar o instrumento.

Descritores: Psicanálise. Psicologia. Discursos. Trabalho. Universidade.

Em 15 de outubro de 2003 perdemos um grande colega e amigo...

No entanto, ele passou para a história da luta de psicanalistas brasileiros, para transmitir a causa freudiana dentro de nossas universidades. É claro que tal luta não se dá somente neste Pindorama, mas sua eficácia no Brasil

1 Professora Adjunta do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Pós-doutorado no Instituto de Psiquiatria da UFRJ; Doutorado em Psicologia pela Universidade de Paris X - Nanterre (1989); Pesquisadora do CNPq; Procientista da UERJ; Psicanalista, membro da Escola de Psicanálise dos Foruns do Campo Lacaniano - Brasil, Fórum Rio de Janeiro.

tem hoje reconhecimento internacional. Luiz Carlos Nogueira certamente é um de seus pioneiros! Isso por várias razões, das quais listarei somente três: a anterioridade cronológica, a articulação Psicologia - Psicanálise e a inserção, na universidade, da transferência de trabalho.

O pioneirismo

A *primeira razão* de podermos considerar Luiz Carlos Nogueira como um pioneiro é a da anterioridade. Ele defendeu sua Tese de Doutorado em 1973, sob a orientação de dois professores de peso. Durval Marcondes, um dos primeiros leitores de Freud no Brasil e primeiro psicanalista em São Paulo: recebeu uma gentil resposta, do próprio Freud, para o envio de sua tese de doutorado em medicina. Funda a primeira Sociedade de Psicanálise na América Latina, com psiquiatras e modernistas, e cria a primeira *Revista Brasileira de Psychanalyse*. O outro, Cícero Cristiano de Sousa, um dos fundadores, em 1941, da Revista *Clima*² (“de rapazes e moças da Faculdade de Filosofia” - da USP), da qual Mario de Andrade pôde dizer, certa vez, tratar-se de uma “revista de novos, um pouco pesada pra ‘novos’ mas realmente de interesse”! Além de sua posição única, na psicanálise em São Paulo Durval Marcondes foi o primeiro a inserir a psicologia clínica na USP; com efeito, em 1954, organizou o primeiro curso de especialização em Psicologia Clínica, na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. Mais tarde, tornou-se o diretor da primeira clínica psicológica universitária, na mesma Universidade. Cícero Cristiano de Sousa, por sua vez, já publicava em 1955, pela editora da USP, as *Contribuições ao Estudo da Gênese dos Traços Psicológicos*, o que nos permite inferir que sua contribuição para o trabalho de Luiz Carlos Nogueira, diz respeito à vinculação possível entre a Psicanálise e a Psicologia, como dois campos de estudo teórico que mantêm entre si uma relação de união e interseção - para retomar uma referência cara

2 Sobre *Clima*, ver Revista *Discurso*, São Paulo: USP, 1978, pp. 183-193. <http://acd.ufrj.br/pacc/literaria/clima.html>.

a Luiz Carlos Nogueira que sustentou, desde a sua tese, a importância da lógica e da matemática no campo da ciência psicológica, em particular, a psicanálise.

Foi, então, como aprendiz desses dois pilares paulistas, que Luiz Carlos Nogueira e sua *verdadeira* relação com a descoberta freudiana deixou um lastro para nós todos, professores de psicanálise nas universidades brasileiras, que, se nem sempre sabedores desse lastro, de alguma forma tiveram com ele uma relação. Sua Tese de Doutorado, *Contribuição ao Estudo Crítico do Inconsciente Freudiano* e sua Tese para a Livre Docência, defendida em 1998, *A Psicanálise: Uma Experiência Original - O Tempo de Lacan e Nova Ciência*, confirmam o legado e a persistência na articulação entre psicanálise e universidade. Tal articulação é o que tentarei fundamentar, agora, em sua homenagem.

Psicologia - Psicanálise

A Psicanálise, como conceito, foi um corte profundo em toda a discursividade do século XIX, e também é isso o que Michel Foucault (1969) procurava sublinhar quando se referia aos instauradores de discursividade, citando, como os dois exemplos maiores, Marx e Freud. Melhor dizendo, nas palavras de Foucault:

A instauração da discursividade parece ser do mesmo tipo, à primeira vista, em todo caso, da fundação de qualquer cientificidade. Entretanto, creio que há uma diferença [...] o ato de fundação de uma cientificidade pode sempre ser reintroduzido no interior da maquinaria das transformações que daí derivam. (Foucault, 1969, p. 15)

Marx e Freud seriam, segundo esse texto de Foucault, tipos de autores bastante singulares:

Freud não é simplesmente o autor da *Traumdeutung* ou do *Witz*; Marx não é simplesmente o autor do *Manifesto* ou do *Capital*: eles estabeleceram uma possibilidade infinita de discursos (...) quer dizer, eles não somente possibilitaram um certo número de analogias, eles possibilitaram (e completamente) *um certo número de diferenças*. (Foucault, 1969, p. 14, grifo meu)

Freud operou um corte a partir do qual há um antes e um depois, mesmo se, depois, vários velaram o gume de seu instrumento. Como ele conceituava, tal gume surgiu, simplesmente, na transferência, quando, no lugar de se identificar com o mestre que comanda - explica: lugar que lhe seria de bom grado outorgado pelo seu paciente -, pôde sofrer a transferência sem se identificar com ela. Eis porque a psicanálise é portadora de uma desalienação possível e porque jamais um psicanalista pode saber mais sobre seu paciente do que ele próprio. Só que esse “ele próprio” já não é o eu da consciência - agora mera tela da percepção (Freud, 1915) -, mas é o sujeito do inconsciente do qual o neurótico insiste em não querer saber. Para Freud, ao contrário dos psicólogos do século XIX, o eu é a sede das resistências e fonte de desconhecimento. Ele dá tudo e qualquer coisa para melhor poder enganar-se a si mesmo, na vã tentativa de furta-se a sua determinação inconsciente.

A história da Psicologia, por sua vez, sofreu grandes modificações na década de 1950, quando começaram a surgir as possibilidades para a criação de cursos de Psicologia nas universidades brasileiras. Elevada à categoria de um saber, ou mesmo de uma ciência - conforme o intérprete -, foi em razão dos estudantes de Psicologia que começaram a surgir questionamentos, antes dificilmente imagináveis. Sempre em prol de uma autonomia - quer fosse articulada ao discurso da ciência, quer fosse voltada para uma prática clínica ou ainda educacional -, a Psicologia, a partir da década de 1950, encontrou, no modelo universitário, o campo mais fértil para seu estabelecimento.

Em 1968-1969 Jacques Lacan daria a sua versão do que é o discurso universitário: ele se sustenta fundamentalmente na burocracia e nos títulos acadêmicos. Ou seja, o discurso universitário valida como verdadeiro aquele agente que se apresenta aparamentado de títulos, independente do estofo, se me permitem dizer. Assim, será considerada mais consistente aquela construção que apresentar maior número de titulados, maior número de doutores, pós-doutores, pesquisadores de instituições oficiais, independente do estofo dessas pesquisas, da preocupação com boas teses, do interesse em aprofundar teorias. E mais... se existe um discurso, dentre os quatro estabelecidos

por Lacan³, que joga fora o sujeito, esse é, justamente, o discurso universitário. O estudante, com suas questões subjetivas, suas dificuldades, o desejo que o leva à universidade e que jamais é não só satisfeito como muitas vezes sequer tocado por ela, é convocado a submeter-se aos desígnios da universidade que visa à parceria com o discurso do capital. O resto não serve a ela, é jogado fora, deixado de lado e deve ser sobretudo abandonado... razão de podermos dizer teoricamente que o sujeito, enquanto tal, é jogado fora no discurso da universidade. Quando, no discurso universitário, o saber se conta em títulos acadêmicos, pouco importando se esses títulos efetivamente condecoram a algum estofado de sujeito, a consequência, o que se produz, o que se joga fora, no discurso da universidade, é o próprio sujeito. Um pequeno passo somente seria aí necessário para instituir a perversão na própria ordem do discurso. E essa perversão é a que abre a porta ao discurso do capitalista - o discurso universitário é, paradoxalmente, a transição mais imediata para o contexto onde “(...) se trata do sujeito reconstituído na alienação, ao preço de ser apenas o instrumento do gozo” (Lacan, 1963, p. 775).⁴

Levanto a hipótese de que o desenvolvimento da Psicologia na universidade cresceu par e passo com a própria diversificação da universidade no Brasil, ambas visando a uma articulação entre a formação de profissionais a serviço do desenvolvimento industrial, técnico e pragmático, necessário à opção ideológica que se fortaleceu na era Vargas.

Inspirado na visão crítica de Canguilhem (1958/1972), que procura - sem achar - uma definição para a Psicologia, Lacan comenta, em 1964 que a Psicologia “descobriu meios de se perpetuar nos prêmios que oferece à tecnocracia, e até, como concluiu com humor realmente swiftiano um artigo sensacional de Canguilhem, numa deslizada de tobogã do Panteão à Chefá-

3 O discurso do mestre, da histórica, da universidade e do analista.

4 Simplificação do esquema para a perversão, à guisa de ilustração do que aqui quero ressaltar.

tura de Polícia”⁵ (1964, p. 873-874). Nada, portanto, mais adaptado a uma Psicologia como ciência humana! Com efeito, o próprio sintagma “ciência humana” é um paradoxo impossível..., senão vejamos: a ciência exclui o homem, por necessidade! Ele atrapalha a medição dos experimentos com suas próprias dificuldades, de forma que todo cientista sabe os problemas advindos das particularidades de cada pesquisador. Ora, uma ciência que visaria o homem é, em princípio, uma idiosincrasia, a não ser que o conforme às suas necessidades científicas - o que exclui as suas particularidades e diferenças singulares, e aí já não é humana - ou, então, que se articule com um outro modelo, bem mais complexo. Para Lacan, então, paradoxalmente, a Psicologia, quando oferece seus préstimos à tecnocracia, é a única ciência do homem no real sentido da expressão, na medida em que é a única que desconsidera o fato de que o homem da ciência não existe, é a única que desconsidera o fato de que, para fazer ciência, há que se ser sujeito. De resto, “o discurso da ciência não deixa nenhum lugar para o homem” (Lacan, 1969-1970/1991).

Enquanto instaurador de discursividade, Freud constrói uma teoria que se baseia exclusivamente na fala do sujeito, o que também implica que não há, de saída, verdadeiro e falso. Mas isso é próprio do instaurador de discursividade - definido por Foucault -, conforme o termo observa:

Na obra destes instauradores, não reconhecemos certas proposições como falsas, contentando-nos, ao tentarmos apreender o ato de instauração, em afastar os enunciados que não seriam pertinentes, seja porque os consideramos como não-essenciais, seja porque os consideramos como “pré-históricos” e saídos de um outro tipo de discursividade. (Foucault, 1969, p. 15)

A história da Psicanálise nos mostrou que houve muitos enunciados “pré-históricos” em relação à descoberta freudiana, mesmo depois dela, coisa que o retorno, a Freud de Jacques Lacan, esclareceu.

5 Alusão ao fato de que a Faculdade de Psicologia da Universidade de Paris, no Quartier Latin, fica entre o Panteão – onde estão enterrados os homens honrados –, no alto da rua e, descendo a rua, a Delegacia de Polícia.

A releitura que Lacan pôde fazer da obra de Freud, atribuiu à psicanálise um discurso particular - o que de maneira alguma impede com que se mantenha conectado a outros discursos -, um discurso que se sustenta não dos títulos, como o discurso universitário, mas do próprio saber no lugar da verdade, sempre enquanto meio dizer. Há que se notar que houve época em que os psicanalistas acharam poder sustentar a psicanálise com uma sociedade cujo modelo era o discurso universitário, onde um analista necessariamente tinha que ter o título burocratizado de uma instituição psicanalítica para se exercer como psicanalista - o famoso psicanalista didata -, mas, há muitos anos, Jacques Lacan já mostrou a falácia de tal empreendimento quando, em 1956, criticava a tentativa de burocratizar a transmissão da própria psicanálise, o que a eliminaria nos fundamentos (Alberti, 1998). Não é de títulos que a psicanálise se sustenta, nem tampouco de verdades preconcebidas, mas do fato de que o saber não é senão um subconjunto de um conjunto muito maior, no qual aquele se insere, o conjunto do não saber.

Eis, mesmo, a *segunda razão* para considerarmos Luiz Carlos Nogueira pioneiro: ainda era muito raro, nos anos 1970, encontrar algum psicanalista que apostasse na possível inserção da psicanálise no curso de Psicologia - graduação inclusive -, sem que isso levasse a um achatamento da Psicanálise em prol da divulgação. Como pude desenvolver, no último capítulo de *Crepúsculo da Alma - A Psicologia no Brasil no Século XIX* (Alberti, 2003), as contribuições que o discurso universitário pôde trazer ao aprofundamento da Psicologia e da Psicanálise foram de extrema importância no processo histórico. Ao mesmo tempo, não é fácil sustentar o corte freudiano no contexto do discurso universitário que, como formalizou Lacan em 1969-1970, sempre traz consigo o risco da burocratização do saber.

Levantei a hipótese de que Psicologia é, antes de tudo, um nome próprio, surgido ao longo do século XIX, consagrado no século XX e que, como todo nome próprio, não tem em si qualquer consistência a não ser que lhe atribuamos alguma. São essas consistências que ora se constroem em torno desse nome e agenciadas por ele, numa verdadeira batalha intelectual cujo maior contexto é a universidade (Alberti, 2003). Com Luiz Carlos Nogueira e alguns outros, houve lugar para a Psicanálise nessa construção.

O conceito de sujeito sofreu muitas mudanças ao longo dos últimos duzentos anos e a Psicanálise certamente é uma das grandes responsáveis. Mas, sobretudo, ela é responsável pela possibilidade de se restituir a cada sujeito as determinações de suas escolhas que, com os discursos sobre um psiquismo organizado, o sujeito perdeu sua autonomia, sua capacidade de melhor discernir sobre si mesmo, em suma, sua alma. É muito interessante observar que, malgrado isso não transpareça na tradução em português da obra completa de Sigmund Freud, jamais este deixou de se referir à alma e que, na maioria das vezes em que se lê em português a palavra *psiquismo*, no texto original de Freud ele escreveu *Seele*, alma. O sujeito da Psicanálise é tributário da alma, por mais descentrado que se experimente.

No entanto, pudemos observar, também, que é justamente com a inscrição da Psicologia na universidade, que os estudantes aos poucos começaram a questionar a sua prática discursiva, após 1950. Eis, então, a grande chance que se apresenta nos cursos de Psicologia, a partir dessa data: os estudantes! Pois eles também são sujeitos e, enquanto tal, restos jogados fora do discurso da universidade, ao deus dará... A pergunta de Canguilhem, então: “O que é Psicologia?”, que quer saber até onde há ou não um compromisso com o humano e com a tecnocracia, pode ser mantida viva com o questionamento constante dos estudantes na relação com seus professores. É sua única chance! Pois enquanto ficar viva a inconsistência de sua resposta, sempre haverá uma fronteira, uma margem para a transgressão, *a priori*, necessária para novas criações.

Uma delas foi, sem dúvida, a descoberta de Sigmund Freud. Ele insiste, ainda em 1927, que a Psicanálise é campo da Psicologia e não, como querem fazer crer os seus colegas da época, um ramo da medicina: “A psicanálise é uma parte da psicologia (...), certamente não o todo da psicologia mas seu substrato, talvez mesmo seu fundamento” (Freud, 1927, p. 343). Propor a Psicanálise como substrato da Psicologia implicaria uma aposta, da parte de Freud, de que a Psicologia seria, sim, aquele saber capaz de fazer valer o sujeito, sem atribuir-lhe sentido *a priori*, senão teoricamente, como ser de linguagem, e capaz de, com ela, tecer as redes de sua própria determinação. Este é, pelo menos, o valor de verdade que o discurso psicanalítico

inaugura e ao qual Jacques Lacan retorna, quando propõe uma releitura da obra de Freud. A esse respeito, aliás, Michel Foucault chama toda a atenção:

É preciso distinguir os “retornos a (...)” dos fenômenos de “redescoberta” e de “reatualização”. (...) O que se deve entender por “retorno a (...)”? Creio que podemos, desse modo, designar um movimento que tem sua própria especificidade e que caracteriza, justamente, as instaurações de discursividade. Para que haja retorno, com efeito, é necessário, em primeiro lugar, que tenha havido esquecimento (...) essencial e constitutivo. (...) retorna-se ao próprio texto, ao texto em sua nudez, e, ao mesmo tempo, no entanto, retorna-se ao que está marcado em furo, em ausência, em lacuna do texto. Retorna-se a um certo vazio que o esquecimento esquivou ou mascarou, que recobriu com uma falsa ou errada plenitude, e o retorno deve redescobrir esta lacuna e esta falta. (Foucault, 1969, p. 16)

É, pois, o retorno a Freud, de Jacques Lacan, que reinstaura uma nova discursividade que fora esquecida, na medida em que a descoberta de Freud foi reapropriada por um discurso da Psicologia a serviço da tecnocracia.

Para além da herança do positivismo que inspirou um funcionamento da ciência, hoje, às vezes, identificado como único, há as ciências conjecturais. Com Lacan, esse segundo movimento se verifica nos avanços particulares de algumas disciplinas, no século XIX, especialmente: a Linguística, a Etnografia estrutural e a teoria geral dos símbolos. Lacan observa que tal movimento se baseia na especificidade da referência simbólica para a pesquisa da subjetividade. Em função disso, o que associa esse movimento com a ciência não é a experimentalidade, mas as conseqüências dos avanços da Matemática e da História, ambos determinando uma nova forma de ver o mundo.

Com efeito, somente a partir do Iluminismo e, sobretudo, no século XIX foram encontradas as respostas para inúmeros problemas matemáticos até então impossíveis de resolver e que permitiram, para dar somente um pequeno exemplo, estudar as relações entre conjuntos - coisa até então impensável... Isso implicará as leis da intersubjetividade nas ciências conjecturais, ou seja, no campo da lógica e da matemática moderna. Quanto à História, é também somente no século XIX que o homem pôde fazer greve geral! - isso não é pouca coisa num mundo até então submetido à ordem do Um

(só para retornar à referência matemática). Eis a aposta, no campo do discurso da ciência, que abre uma via para a intersecção com a Psicanálise. Foi a aposta de Luiz Carlos Nogueira e sua insistência de articular a psicanálise com a matemática!

Um psicanalista, submetido a um outro discurso que não é o do universitário, mas o discurso do psicanalista, pode identificar o estudante como sujeito que é, e dirigir-se a esse sujeito para colocá-lo a trabalho. Luiz Carlos Nogueira resumiu a pesquisa que vinha fazendo nos últimos anos de seu trabalho na Universidade de São Paulo com as seguintes palavras: trata-se de uma pesquisa que visa a “Psicanálise como saber que leva em conta a linguagem enquanto cadeias de significantes que indicam o sujeito do inconsciente no processo de uma relação discursiva” (Nogueira, comunicação pessoal?), e é por isso que aprofundava as relações entre o ensino de Lacan, a lógica simbólica e a teoria dos conjuntos. Luiz Carlos Nogueira não recuava diante da possibilidade de se colocar em tensão dois discursos bastante heterogêneos: o da universidade e o do psicanalista. Em função disso, levanto a hipótese de seu terceiro pioneirismo, que examinaremos a seguir.

A universidade e a transferência de trabalho

Lugar de formalização do saber, entre outros, a universidade é também um campo fértil para subvertermos estruturas discursivas. Como visto, no discurso universitário um saber equivale ao outro, pois são os títulos universitários que garantem, nessa equivalência, o valor de um saber. Isso subverteu o discurso do mestre em que é a inquietação do sujeito - sempre dividido, embaraçado - que está no lugar da verdade recalcada. Por mais grave que tenham sido as conseqüências de tal subversão a abrirem caminho para a tecnocracia, por outro lado, deu a possibilidade para um outro pequeno passo, literalmente, um quarto de volta atrás na lógica dos quatro discursos - um recuo em relação ao discurso universitário faz surgir o discurso do psicanalista -, instituindo a possibilidade para o discurso do analista que se constitui, que se fundamenta, no fato de se dirigir ao sujeito (no discurso do

analista o sujeito é o outro ao qual o agente do discurso endereça seu ato). Assim, se no discurso universitário um saber equivale a outro, então, um psicanalista, desde que bem sustentado - e aparamentado - por títulos acadêmicos, equivale a qualquer outro professor, independente da área. Pude verificá-lo no trabalho que desenvolvo no hospital universitário. Se em outras paragens o psicólogo é sempre menos remunerado do que o médico, no contexto acadêmico, se ambos são professores, não se faz qualquer diferença entre eles.

É diferente trabalhar num hospital em que o Professor Adjunto do Instituto de Psicologia percebe o mesmo salário que um Professor Adjunto da Faculdade de Medicina e num hospital em que o médico tem um salário mais alto do que o psicólogo, pelo simples fato de ser médico. A universidade implica numa subversão discursiva em relação ao discurso do mestre. (Alberti, 2000)

É dessa subversão que o psicanalista pode se utilizar para fazer valer o sujeito dentro da universidade, ou seja, na contramão do discurso universitário.

Na “Ata de fundação” da Escola da Causa Freudiana, de 1964, Lacan propõe um sintagma que me parece ser de grande interesse para essa questão. Trata-se da transferência de trabalho. Cito: “O ensino da psicanálise só pode se transmitir de um sujeito a outro e isso pela via de uma transferência de trabalho” (Lacan, 1964/2001). Se a clínica psicanalítica - onde se apresenta o trabalho na transferência - é o lugar privilegiado para transmitir a psicanálise, e se existe uma vertente dessa mesma clínica que é interminável (Freud, 1937), então há que haver lugar para a transferência de trabalho num prolongamento da própria transmissão da psicanálise. Já não seria o lugar para um trabalho em transferência - o da Psicanálise propriamente dita -, mas um lugar em que a transferência de trabalho permite persistir na produção da psicanálise como discurso que subverte - em recuo - o discurso dominante. Tal lugar é, em princípio, a escola de psicanálise, como o diz Lacan na ata de sua fundação. Mas para o psicanalista - definido como produto de uma análise - que nunca deixou de trabalhar na escola de psicanálise, e que,

ao mesmo tempo, sempre esteve presente na universidade, é possível presentificar na universidade a subversão discursiva descrita no parágrafo acima, reafirmando nesse outro contexto uma transferência de trabalho - único meio de ensinar a psicanálise. Eis o que pôde fazer Luiz Carlos Nogueira! De um sujeito a outro... esse é o possível método de ensino da psicanálise também na universidade se o professor pode sustentar a via de transmissão que se fundamenta na causalidade psíquica.

Não como mestre, não como saber, não como autor, Luiz Carlos Nogueira transmitiu a psicanálise na universidade. Sobre isso, mais uma referência ao mesmo texto de Foucault. Aliás, é muito significativo observar que Michel Foucault o proferiu no mesmo ano em que foi um dos signatários pela criação do Departamento de Psicanálise na Universidade de Paris VIII - Vincennes⁶, a pedido de Jacques Lacan... Terminava sua conferência sobre os discursos, articulando a questão discursiva ao estatuto do sujeito: “para apreender os pontos de inserção, os modos de funcionamento e as dependências do sujeito” (Foucault, 1969, p. 18). Ou ainda:

... como, segundo que condições e sob que formas, algo como um sujeito pode aparecer na ordem dos discursos? Que lugar pode ele ocupar em cada *tipo* de discurso, que funções exercer, e obedecendo a quais regras? Em suma, trata-se de retirar do sujeito seu papel de fundamento originário e de analisá-lo como uma *função variável e complexa do discurso*. (Foucault, 1969, p. 19, grifos meus)

Não só o sujeito é aqui consequência do discurso numa “cultura em que os discursos circulariam” (Foucault, 1969, p. 19) como também surge a questão: “Quais são as localizações que são aí preparadas para sujeitos possíveis? Quem pode preencher essas diversas funções de sujeito?” (Foucault, 1969, p. 19).

No final de seu *Seminário 17*, Lacan retoma essa conferência de Foucault, justificando a maneira de construir *Scilicet*, revista em que todos foram convocados a escreverem bons artigos, “alguma coisa estruturalmente

6 Atualmente, esse Departamento funciona em Saint Denis, para onde foi transferida a Universidade de Paris VIII.

rigorosa” (Lacan, 1969-1970/1991, p. 222), sem, no entanto, assinar esses artigos porque isso “faria grande obstáculo, lhes asseguro, a que saia alguma coisa de decente” (Lacan, 1969-1970/1991, p. 222), na medida em que o “autor” estaria endereçando seu texto por um reconhecimento que só adviria *desde que o artigo não trouxesse idéias nem que presentificasse uma cabeça pensante*. Crítica, então, ao discurso universitário. “Eu não sou, de forma alguma, um autor” (Lacan, 1969-1970/1991, p. 221). Se Freud e Marx possibilitam infinitas leituras, como dizia Foucault naquela conferência, o que lhes atribui um caráter novo enquanto autores, ou seja, não são tantos autores, mas antes *instauradores de subjetividades*, para Lacan, a verdade fala. É esse o sentido que dá no final do *Seminário 17* para o “retorno a ...”, observado por Foucault.

A partir da instalação do discurso universitário, na Idade Média, conforme Foucault, surge a figura do autor que, no contexto da circulação dos discursos, sustenta cada vez mais o discurso universitário em que se produzem teses e “é isso o que dá o peso ao nome de vocês” (Lacan, 1969-1970/1991, p. 221), momento no qual se pode dizer o que quer que seja se *se tem* um nome. Donde também inferir o saber como gozo de uma posição que apaga a versão subjetiva como desejante.

Bem diferente é o discurso psicanalítico, que visa o sujeito, razão de Lacan ter feito a experiência de *Scilicet*, tentando furar a sustentação de um saber por um S_1 no lugar da verdade, já que o saber é fundamentalmente gozo do Outro. Quando o sujeito se interroga, o discurso em questão é do histérico. Neste, é o sujeito que está sustentado pela verdade de um saber que não se sabe, na medida em que é o não saber que enquadra o saber, como Lacan também diz nessa mesma lição de seu *Seminário*. É o discurso do histérico, portanto, que, na articulação com o discurso do mestre, denuncia, com Foucault: a ausência é o primeiro lugar do discurso.

Então, há um outro discurso, ainda, além do universitário, do mestre, do psicanalista, que pode ser colocado em funcionamento na universidade! Na lógica dos quatro discursos (Lacan, 1969-1970/1991), trata-se do discurso da histérica. Nele, é o sujeito que está na posição de agente, ele se dirige

ao mestre para colocá-lo a trabalho, o que produzirá o saber. No caso do sujeito Luiz Carlos, tal posição sustenta-se na verdade da própria causa freudiana que ele transmitia. Posição semelhante àquela do mais-um num cartel. É porque podia se posicionar como pesquisador, como questionador, como indagador, que ele promovia esse mesmo questionamento, as pesquisas e indagações, que tão bem caracterizam o modelo clássico do espírito científico, cada vez mais raro de encontrar nos meios acadêmicos...! Se, como disse Lacan na ata de fundação de sua escola, a Psicanálise só se ensina pela transferência de trabalho de um sujeito a outro, então, Luiz Carlos como sujeito inquiridor também promovia o surgimento de novos sujeitos inquiridores, os estudantes que com ele tiveram o privilégio de se deparar com o texto freudiano. Assim, ele próprio não o fez sem deixar discípulos, pessoas que tiveram a oportunidade de estar com ele, aprender com ele, experimentar com ele a mesma relação com a obra de Freud e o ensino de Lacan. Através deles, esperamos, manter-se-á vivo o agalmático exemplo do inesquecível colega e professor!

Alberti, S. (2004). The work transference and the university. *Psicologia USP*, 15 (1/2), 55-70.

Abstract: Luiz Carlos Nogueira was a pioneer in three ways: the chronological one; but also, because of his participation during the insertion of psychoanalysis in psychology in the university program, as well as the theoretical fundamentation of his insertion and, finally, because of the promotion, in the university, of the work transference (*transfert de travail*). The article means to identify these insertions, based upon Freud and Lacan's contributions, but also on the work of Michel Foucault, taking psychoanalysis as one discourse joint with others. It extends the lacanian concept of work transference in articulation with psychoanalysis transmission at the university, sustaining that there is a possible relation between psychoanalysis and other knowledges which doesn't mean to simplify the first, on the contrary, to use other knowledges - particularly mathematics - to help to improve the instrument.

Index terms: Psychoanalysis. Psychology. Discourses. Work. University.

Transferência de Trabalho e a Universidade

Alberti, S. (2004). Le transfert de travail et l'université. *Psicologia USP*, 15 (1/2), 55-70.

Résumé: Luiz Carlos Nogueira a été un pionnier en trois sens: le chronologique; en fonction de sa participation dans l'insertion de la psychanalyse comme un champ de la psychologie dans l'université, qu'il fondait théoriquement, et, finalement, en fonction de la promotion, dans l'université, du transfert de travail. L'article cherche à identifier telles insertions, basé sur les travaux antérieurs de Freud et de Lacan, mais aussi de Michel Foucault, à partir de la psychanalyse comme un discours en articulation avec d'autres. En outre, il propose le concept lacanien de transfert de travail à la transmission de la psychanalyse dans le milieu académique des psychologies dans certaines conditions, pour soutenir la psychanalyse dans ses rapports à d'autres savoirs - en particulier les mathématiques - en les utilisant pour affiner l'instrument.

Mots clés: Psychanalyse. Psychologie. Discours. Travail. Université.

Referências

- Alberti, S. (1998). A situação da psicanálise em 1956, em 1998. In M. A. Carneiro Ribeiro (Org.), *A cisão de 1998* (pp. 45-57). Rio de Janeiro: Marca d'Água.
- Alberti, S. (2000). Psicanálise: A última flor da medicina. In S. Alberti & L. Elia (Orgs.), *Clínica e pesquisa em psicanálise* (pp. 37-56). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Alberti, S. (2003). *Crepúsculo da alma. A psicologia no Brasil no século XIX*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Canguilhem, G. (1972). O que é Psicologia? *Revista Tempo Brasileiro*, (30/31). (Original de 1958)
- Foucault, M. (1969). *O que é um autor?* (Clarice Gatto & Jairo Gerbase, trads.). Inédito.
- Freud, S. (1915). Das Unbewusste. In S. Freud, *Studienausgabe* (Bd. 3). Frankfurt: S. Fischer Verlag.
- Freud, S. (1927). Nachwort zur Frage der Laienanalyse. In S. Freud, *Studienausgabe* (Bd. 3). Frankfurt: S. Fischer Verlag.
- Freud, S. (1937). Endliche und unendliche Analyse. In S. Freud, *Studienausgabe* (Bd. 3). Frankfurt: S. Fischer Verlag.

Sonia Alberti

- Lacan, J. (1963). Kant avec sado. In J. Lacan, *Écrits* (pp. 765-792). Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1964). Science et vérité. In J. Lacan, *Écrits* (pp. 855-878). Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1966). Situation de la psychanalyse et formation du psychanalyste en 1956. In J. Lacan, *Écrits* (pp. 459-492). Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1956)
- Lacan, J. (1991). *Le séminaire. Livre 17: L'envers de la psychanalyse*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (2001). Acte de fondation. 21 juin 1964. In *Autres écrits*. Paris: Seuil. (Trabalho original publicado em 1964)

Recebido em 09.06.2004
Aceito em 06.08.2004